

Sobre a *Rota Vergilii* On the *Rota Vergilii*

MIGUEL ÂNGELO ANDRIOLO MANGINI¹ (*Universidade de São Paulo — Brasil*)

Abstract: The aim of this article is to provide a critical appraisal and offer an interpretation of the *Rota Vergilii*. We therefore review some of its modern commentaries and analyse sections of the text in which the *Rota Vergilii* is presented, namely John of Garland's *Parisiana Poetria*. Our conclusion was that the *stili* of the *Rota Vergilii* are not sets of subjects and matters, as some modern theorists have claimed, but pertain to the domain of elocution, whereby this medieval concept of "style" is partially in line with the classical theory of the *genera dicendi*.

Keywords: *Rota Vergilii*; *genera dicendi*; *stili*; material style.

1. Introdução: a *Rota Vergilii*

Este artigo é uma apreciação crítica da *Rota Vergilii*, esquema gráfico sobre os estilos das obras de Virgílio que se encontra em um tratado de retórica medieval de João de Garlândia. Nosso objetivo principal é mostrar que o conceito de *stilus* presente na *Rota* pertence ao domínio da elocução e não significa um conjunto de matérias, como sugeriram teóricos modernos. É verdade que esse conceito, medieval, não é idêntico ao conceito de *genus dicendi* da retórica clássica, mas a noção de "estilo material" que a crítica aplica à *Rota* deve ser lida de modo mais moderado. Isto quer dizer, em outras palavras, apontar a especificidade da relação entre o conceito de *stilus* e o de matéria tal como os vemos na *Rota*, sem que admitamos uma compreensão de estilo que seja incompatível com a retórica clássica. Para a nossa interpretação da *Rota*, faremos uma análise das suas partes e referiremos teóricos modernos que trataram dela, começando por uma breve apresentação sua.

João de Garlândia (sécs. XII-XIII) foi professor de gramática em Paris e autor de tratados gramaticais e retóricos, trabalhos de teoria musical e ainda poemas religiosos, mas a sua importância entre os tratadistas e teóricos medievais se deve antes de tudo à sua *Parisiana Poetria* (ca. 1231-1235), obra de pre-

Texto recebido em 26.09.2022 e aceite para publicação em 26.12.2022. A feitura deste artigo contou com apoio financeiro: processo nº 2021/09398-3, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

¹ miguelangelo@usp.br.

ceptiva retórica. No que isto afeta os estudos virgilianos, a *Poetria* de João de Garlândia legou-lhes uma teoria dos estilos com base na tríade de poemas de Virgílio e que foi exposta na afamada *Rota Vergilii*. Não havendo registros anteriores da *Rota*, atribui-se a esse gramático a criação dela (STABILE (1984) 586).

A *Rota Vergilii*, *Rota Virgilii* ou ainda *Rota Vergiliana* (Figura 1) é um esquema circular de três colunas e oito linhas concêntricas. Cada coluna corresponde a um *stilus*, as linhas contêm as palavras que compõem o *stilus* da coluna em que estas se encontram, e a linha mais exterior leva o “título” da seção, isto é, o nome do estilo. As duas imagens referidas com mais frequência são aquela de FARAL (1962) 87 e a da edição de LAWLER (1974) do texto da *Parisiana Poetria*, que é mais fiel aos manuscritos e que segue:



Figura 1: *Rota Virgilii* (João de Garlândia, *Parisiana Poetria* 2 ed. LAWLER (1974) 40)²

² Para melhor visualização, apagamos os asteriscos da imagem da edição de Lawler, que são notação para o seu trabalho filológico. A imagem de FARAL (1962) 87 possui ligeiras diferenças gráficas e ortográficas, além de que, no *stilus mediocris*, apresenta “Coelius” em vez de “Ceres” e simplesmente não possui a palavra “pirus”.

A *Rota* situa-se no segundo capítulo da *Poetria*, em que João de Garlandia trata da *ars eligendi*, e especialmente na subseção dedicada à *ars memorandi*. O gramático, partindo de Cícero, prescreve os procedimentos mnemônicos que os poetas devem seguir a fim de mais bem organizar a matéria a ser inventada e escolhida. Elabora, então, uma tabela de três linhas e três colunas em que dispõe diferentes assuntos, maneiras de lembrar-se de palavras por associação ao contexto em que foram assimiladas e, na última coluna, categorias auditivas da memória e etimologia (*Par. Poetr.* 2.87-115 ed. Lawler). Depois dessa tabela, o autor apresenta a *Rota* e se refere a ela pela primeira e última vez:

*Item notandum quod in rota Virgilii, quam pre manibus habemus, ordinantur tres columpne et in circuitu per multas circumferencias ordinantur tres stili. In prima columpna comparationes continentur, similitudines, et nomina rerum ad humilem stilum pertinencium; in secunda ad mediocrem; in tercia ad grauem. Et si proferatur aliqua sententia in uno stilo, que reperitur in proximo, patet quod est egressus a stilo illo; et ideo eligenda sunt uerba inuenta ad quemlibet stilum in suo stilo³ (*Par. Poetr.* 2.116-123 ed. LAWLER).*

Antes de mais, cumpre observar que a presença da *Rota* no texto de João não é sem alguma estranheza. Como anota o editor e comentador da *Poetria*, “a roda parece estar incluída aqui simplesmente porque as três colunas do diagrama da memória lembraram João dela”⁴ (LAWLER (1974) 239). Nesse diagrama da memória, já mencionado acima, a tríade de pessoas-tipo com seus respectivos assuntos a serem memorizados consiste em *curiales*, *ciuiles* e *rurales*, apropriada ao imaginário medieval, enquanto que, na *Rota*, faz-se referência a uma tríade mais propriamente virgiliana: *miles*, *agricola* e *pastor*. A diferença não é explicada. Além disso, passa-se como que repentinamente do assunto da memorização para a formulação de uma teoria dos estilos, que, nos termos em

³ “Desse modo, deve-se notar que na *Rota Virgilii*, que temos em mãos, ordenam-se três colunas, e em um círculo se ordenam três estilos através de muitas circunferências. Na primeira coluna, estão contidos comparações, semelhanças e nomes de coisas apropriadas ao estilo baixo; na segunda, daquelas ao médio; na terceira, daquelas ao elevado. E, se se proferir em um estilo um pensamento que se encontra no próximo, fica claro que se se perdeu daquele estilo; e, de fato, devem ser escolhidas para qualquer estilo que seja as palavras inventadas para o seu próprio estilo.”

⁴ De fato, Lawler dá a entender aqui que a *Rota* não foi inventada por João, já que ele “se lembra” dela. Não há, em todo caso, registros da *Rota* anteriores a João.

que é colocada, está, sim, associada à dita *ars memorandi*, mas não deriva dela, nem parece guardar relação necessária com ela. O leitor é obrigado a tentar compreender a *Rota* sem que esteja integrada harmoniosamente ao texto, o que vem a ser a nossa intenção.

A figura categoriza os três “estilos” a partir das três obras de Virgílio, que são estabelecidas como modelos para aqueles estilos: a *Eneida*, para o *gravis*; as *Geórgicas*, para o *mediocris*; e as *Bucólicas*, para o *humilis*. Que Virgílio é a fonte desse esquema deixam claro não só o seu nome, mas também o fato de que as palavras que estão dentro dele em sua maioria remetem aos seus poemas, esclarece STABILE (1984) 586, à exceção de alguns casos como *Hector* e *Ajax*, que são mais pertinentes à *Ilíada* do que à *Eneida*. Contudo, embora a representação visual da tripartição dos estilos proposta por João seja inédita, a sua teoria dos três estilos é homóloga à antiga teoria dos *genera dicendi*, por primeiro encontrada na *Rhetorica ad Herennium*, e a atribuição do modelo virgiliano aos estilos, ou aos *genera dicendi*, possui lastro em gramáticos da Antiguidade tardia. Entre estes últimos estão, por exemplo: Élio Donato (séc. IV d. C.), Sérvio (séc. IV d. C.) e Filargírio (séc. V d. C.). Assim diz Donato, predecessor dos outros:

[...] cum tres modi sint elocutionum, quos χαρακτήρας Graeci uocant, ισχνός qui tenuis, μέσος qui moderatus, ἄδρός qui ualidus intellegitur, credibile erit Vergilium, qui in omni genere praeuuleret, Bucolica ad primum modum, Georgica ad secundum, Aeneidem ad tertium uoluisse conferre⁵ (Vergilii Vita Donatiana 254-259 ed. BRUMMER).

Se a *Rota* fosse a simples esquematização de tal tripartição estilística segundo o modelo virgiliano, a interpretação que se faz desse esquema poderia encerrar-se aqui. Há, porém, uma novidade importante: a divisão dos *genera dicendi* de João de Garlandia identifica-se com uma divisão de três *genera hominum*, proposta não encontrada nos seus predecessores. A distinção entre os estilos, aparentemente mais do que elocutória, corresponde rigorosamente à distinção entre as categorias sociais a que pertencem as personagens representadas nas obras:

⁵ “[...] havendo três modos de elocução, que os gregos chamam χαρακτήρας [estilos], o ισχνός [seco, pobre], que é entendido como o simples; o μέσος [médio], como o moderado; o ἄδρός [forte], como o poderoso, será crível que Virgílio, para que prevalecesse em todo gênero, tenha querido atribuir as Bucólicas ao primeiro modo; as Geórgicas, ao segundo; e a Eneida, ao terceiro.”

Item sunt tres stili secundum tres status hominum. Pastoralis uite conuenit stilus humilis, agricolis mediocris, grauis grauibus personis, que presunt pastoribus et agricolis. [...] Secundum has tres personas Virgilius tria composuit opera: Bucolica, Georgica, Eneyda⁶ (Par. Poetr. 5.45-51 ed. LAWLER).

João introduz um elemento de *decorum* que não existia nem na *RAH*, nem nos gramáticos da Antiguidade tardia referidos: cada estilo é determinado pela correspondência ao “nível” social do homem representado — *pastor e agricola*, por si, não indicam hierarquia, mas *grauibus personis, que presunt pastoribus et agricolis* certamente o faz. Assim diz FARAL (1962) 88, comentando a passagem da crítica antiga que via em Virgílio o modelo dos estilos para críticos mais tardios como João de Garlandia: “é a qualidade das personagens, e não mais aquela da elocução, que fornece o princípio da classificação.”

Inicialmente poderia parecer, portanto, que a *Rota* seja um esquema que representa uma tripartição de estilos compostos por certos elementos materiais e que em especial são determinados pela sua colocação em uma hierarquia da realidade social. Assim, cada estilo, em vez de ser caracterizado apenas por certo uso de palavras, figuras e tropos, estaria comprometido com uma seção específica do real: o *humilis*, com o *pastor* e as suas coisas, e assim por diante (STABILE (1984) 586). Mas em que sentido se pode falar de uma teoria dos estilos que esteja distante da antiga subdivisão puramente elocutória dos *genera dicendi* e que seja baseada em uma distinção fundamentalmente material das pessoas e dos nomes próprios, animais, instrumentos, lugares e árvores que lhes são pertinentes? Em outras palavras, é preciso perguntar-se do que exatamente trata a *Rota Vergilii* e investigar qual seja seu princípio de classificação, a partir da estranheza que há em admitir que estilos sejam conjuntos de matérias. Acreditamos que a interpretação da *Rota* deva ser outra. Deveremos, para demonstrá-lo, superar a falta de clareza do texto que a propõe e a escassez de bibliografia sobre ela; como se verá, ainda, o que está disponível geralmente não se destaca pela clareza da argumentação.

⁶ “Desse modo, são três os estilos segundo os três estados dos homens. À vida pastoral, convém o estilo baixo; aos agricultores, o médio; o elevado, às pessoas elevadas, que sobre-excedem os pastores e agricultores. [...] Segundo essas três pessoas, Virgílio compôs três obras: Bucólicas, Geórgicas, Eneida.”

2. O conceito de *stilus* compreendido historicamente

Começamos pelo conceito de *stilus* presente na *Rota*. Para isso, é necessário sublinhar, mesmo que com alguns saltos temporais, a transformação desse conceito desde a *Rhet. Her.* até a *Poetria*. É provável que doutrina dos três estilos tenha sido primeiramente desenvolvida por Teofrasto, mas o seu *Περὶ λέξεως* não chegou até os dias atuais, de modo que o primeiro registro da referida tripartição é aquele da *Rhet. Her.* (GÖTTERT (2007) 695). Lê-se na obra do anônimo:

Sunt igitur tria genera, quae genera nos figuras⁷ appellamus, in quibus omnis oratio non vitiosa consumitur: unam grauem, alteram mediocrem, tertiam extenuatam uocamus. Grauis est quae constat ex uerborum grauium leui et ornata constructione. Mediocris est quae constat ex humiliore neque tamen ex infima et perulgatissima uerborum dignitate. Adtenuata est quae demissa est usque ad usitatissimam puri consuetudinem sermonis⁸ (Rhet. Her. 4.8 ed. PAGE et alii).

⁷ A palavra *figura* aqui não tem o significado de “figura de linguagem”, não só porque não faria sentido no trecho, mas também porque parece estar mais próxima de uma das acepções que lhe dá o OLD (1968) 700: “1b the characteristic or distinctive form of a particular person, animal, or thing.” No contexto do trecho, *figura* simplesmente equivale a *stilus*. Esta última palavra, que designa literalmente o estilete usado para escrever nas tabuinhas, em certo momento pôde ser usada para descrever, segundo HANSEN (2013) 26, a particularidade da elocução de um autor: daí o *stilus* ser compreendido, nos termos técnicos da retórica romana, como uma maneira específica, entre outras possíveis, de empregar a linguagem, no que diz respeito ao domínio da elocução. NÚÑEZ (1997) 229, tradutor e comentador da *Rhet. Her.*, traduz *figuras* por “estilos” e diz em nota: “O termo *figura* só aparece utilizado para referir-se às figuras estilísticas (*skhémata*) a partir de Cícero, *De opt. gen.* 5, 14, e Quintiliano, I 8, 16.”

⁸ “Há, portanto, três gêneros, gêneros estes que dizemos estilos, nos quais todo discurso não vicioso está contido: a um chamamos elevado; a outro, médio; ao terceiro, simples. Grave é o que se dá a partir da construção de palavras elevadas suave e ornada. Médio é o que se dá a partir de um valor mais baixo de palavras, mas não do mais inferior e cotidiano. Simples é o que é completamente rebaixado ao costume mais ordinário da pura conversa.” Entre os romanos, formulações semelhantes se encontram em Cícero: *Opt. Gen.* 1.2, *de Orat.* 3.177 e *Orat.* 20-21, bem como em Quintiliano (12.10.58), com diferenças terminológicas entre si e em relação à *Rhet. Her.* Entre os tardo-antigos, Donato segue a *Rhet. Her.* nessa tripartição, sem diferenças substanciais; Sérvio parece divergir quanto à definição dos estilos, sobre o que discorreremos. Poder-se-ia mencionar aqui Macróbio (sécs. IV-V), que compreende uma divisão dos estilos em quatro, menos comum, todos os quais estariam em Virgílio (*Sat.* 5.7.3-8 ed. WILLIS).

Os três *genera* são claramente definidos na *Rhet. Her.* pela qualidade, ou pela *dignitas*, das palavras que os compõem e do seu emprego. Como indicam o trecho acima e o restante da explicação dessa tripartição ao longo do livro 4, a escala de elevação entre os estilos é organizada de acordo com o modo como são empregadas as palavras, o uso das construções, o ornamento do discurso, a simplicidade ou a raridade das palavras, se é usada a amplificação ou a personificação, entre outros elementos definidores dos estilos. Mas essa escala de elevação não é hierárquica, porque *grauis*, *mediocris* e *extenuatus* não necessariamente são termos valorativos e porque, na *Rhet. Her.*, não se recomenda absolutamente um estilo em oposição a outro; pelo contrário, diz o autor anônimo que *figuram in dicendo commutare oportet*⁹ (*Rhet. Her.* 4.11 ed. PAGE et alii). A depender do caso, o estilo pode variar dentro de um mesmo discurso, a fim de evitar-se a monotonia, ou a *satietas*. De acordo com LAUSBERG (1990) 519, § 1078, o uso dos estilos deve ser regido pelo princípio do *aptum* ou *decorum*: “a virtude do *aptum* é responsável pelo correto uso das ferramentas da *elocutio*.”

Os termos *aptum* ou *decorum* são, na prática, sinônimos na retórica antiga e estão relacionados à justa adequação entre palavra, estilo, o que é dito e também a situação do discurso e a intenção do orador, afirma BAUER (2007) 115, ainda que o último dos dois termos tenha um escopo mais amplo¹⁰. LAUSBERG (1990) 507-510, §§ 1055-1058 propõe uma compreensão do *aptum* em duas dimensões, aquela interior ao discurso, que diz respeito aos seus elementos e funcionamento internos, e aquela exterior, do discurso enquanto fato social, a que se liga o *éthos* do orador, a audiência, o tempo e o lugar do discurso. Das diversas relações de harmonia que as partes do discurso devem manter entre si no que diz respeito ao princípio organizador do *aptum*, caberá destacar aquela entre a *inuentio* e a *elocutio*. Na retórica antiga, de que trata LAUSBERG (1990) 508, § 1056, “as *res* (pensamentos) encontradas na *inuentio*

⁹ “É necessário variar o estilo ao discursar.”

¹⁰ Cícero dá o equivalente grego de *decorum* e o uso moral deste conceito, que excede o âmbito do discurso e se aplica às relações sociais e comportamentos em geral: [...] *Graece enim ἁπλοῦς dicitur. Huius vis ea est, ut ab honesto non queat separari; nam et quod decet honestum est et quod honestum est decet* (*Off.* 1.93-94). [...] pois em grego [o *decorum*] chama-se ἁπλοῦς. A natureza deste é tal que não pode ser separada do virtuoso; assim, o que convém é virtuoso, bem como o que é virtuoso convém.”]

devem receber a *vestimenta verbal (uerba)* apropriada”¹¹. A *elocutio* e a *pronuntiatio*, continua LAUSBERG (§ 1058), são as fases da produção do discurso em que o *aptum* mais se percebe, por estarem ligadas à concretização do discurso; em todo caso, os teóricos antigos costumam referir-se ao *aptum* como princípio regrador principalmente da escolha das palavras apropriadas à matéria previamente eleita na *inuentio*, isto é, da *elocutio*¹². É o que se lê nesta passagem da *Ars horaciana*, em que ocorre “*decentem*”: *Versibus exponi tragicis res comica non uult/ [...] singula quaeque locum teneant sortita decentem* (*Ars* 89-92)¹³.

Como sistematização teórica das regras do *decorum*, a retórica antiga aventou a teoria dos três estilos. Cada *genus dicendi*, conclui LAUSBERG (1990) 509, § 1058, é uma “função do *aptum* da *materia*” (“*aptum-Funktion der materia*”). Isto quer dizer que a referida teoria é equivalente à doutrina do *deco-*

¹¹ RUSSELL (1981) 130 chama a atenção para a metáfora da *vestimenta*, frequentemente usada para descrever a *elocutio*, que pode ser definida simplesmente, diz o teórico, como “a *vestimenta verbal* do pensamento”. QUINTILIANO (11.11.3) usa essa metáfora para referir-se aos vícios de estilo. Ainda, continua Russell, os teóricos consideravam que a ligação entre a “*vestimenta*” e a matéria era necessária, em vez de considerarem que o ornamento fosse independente ou definidor dos textos: assim, julgavam necessária a justa adequação, ou o *decorum*, das palavras às matérias.

¹² Sulpício Victor, rétor mais tardio (séc. IV d. C.), assim descreve a adequação das palavras à matéria: *Illud præpono, quod decorum vel decens diximus, in eo est, ut rebus apta sint uerba, id est, ne res magnas uerbis paruulis proferamus, neue e contrario magnis et tumentibus atque inflatis uerbis res paruulas exequamur, ne, dum amplificandi studio euehimur, ridiculi deprehendamus. Custodite ergo faciendum est, ut rebus personisque accommodentur uerba quae decent* (*Institutiones Oratoriae* 15.9-14 ed. HALM). [“Aquele *πρόεπον*, que chamamos *decorum* ou *decens*, consiste em que as palavras sejam adequadas às matérias, isto é, em que não falemos matérias elevadas com palavras mui baixas, nem, ao contrário, expressemos matérias mui baixas com palavras inchadas e infladas, a fim de que não sejamos, ridículos, tomados e ao mesmo tempo levados pelo esforço de aumentar. Cuidadosamente, portanto, deve-se fazer com que as palavras que são adequadas sejam acomodadas às matérias e às personagens.”]

¹³ “A matéria cômica não quer ser exprimida em versos trágicos. [...] Que todas as coisas sortidas preservem o lugar adequado.” Pelo texto horaciano, é o tom do verso que deve adaptar-se à matéria, e não o contrário. Com efeito, é a matéria que “quer” um certo verso. Essa ordem causal parece importante do ponto de vista da noção de *decorum*, que se aplica sobretudo à *elocutio*, parte do discurso que “age” sobre a *inuentio* e que lhe é posterior (se não cronologicamente, pelo menos na sua função), pois diz respeito à escolha das palavras e do estilo adequados à matéria inventada.

rum ou do *aptum* no domínio da *elocutio*; na prática, portanto, os estilos *são* o próprio exercício de adequação da *vestimenta verbal* à matéria previamente selecionada. Cada estilo consiste em uma certa maneira de utilizar os *uerba* para dar a correta *vestimenta* a determinada matéria, sem que seja possível a elocução independente da matéria, ou vice-versa.

ZYMNER (2010) 188 observa que a doutrina da tripartição estilística foi, ao longo da história, compreendida a partir de três vieses: a um deles corresponde um conceito de estilo quanto à intenção (*intentionaler Stilbegriff*), que já se notou acima e que provavelmente poderia pertencer à dimensão “exterior” do discurso segundo Lausberg; a outro viés corresponderia um conceito de estilo que o autor nomeia como *elokutioneller Stilbegriff*, isto é, o conceito de estilo quanto à elocução sobre o qual vínhamos falando, pertencente ao âmbito interno do discurso; ao terceiro viés corresponde o conceito de estilo quanto à matéria (*materialer Stilbegriff*). Essa maneira de nomear os estilos convém porque diferencia a compreensão de um estilo elocutório, aquele aventado na teoria antiga, e uma compreensão de um estilo material, do qual, pela *Rhet. Her.*, por Quintiliano e por Cícero, não se poderia ter ideia do que seja.

Segundo KELLY (1978) 236, “estilo material (*Material Style*) é a adaptação medieval dos *genera dicendi* clássicos, ou os estilos elevado, médio e baixo.” Para esse autor, o conceito de estilo material situa-se na transição da Antiguidade para a Alta Idade Média, quando os *stili* deixam de ser definidos por aspectos elocutórios ou ornamentais relativos a certo uso da linguagem e passam a diferenciar-se com base em certas matérias ou conteúdos, sendo a obra de João de Garlândia um exemplo onde esse novo conceito pudesse ser localizado plenamente. No novo conceito, a matéria que compõe cada estilo é especificamente um de três tipos humanos junto com suas parafernalias e que se encontram em uma de três posições na hierarquia das categorias sociais¹⁴. Assim, a divisão dos estilos é a mesma que a divisão das categorias

¹⁴ Sobre o sistema de estilos medieval exemplificado na *Rota Vergilii*, CURTIUS (1948) 206 se exprime de maneira semelhante: “[a retórica medieval] distingue três espécies de estilo, às quais correspondem determinados estados (*Stände*), árvores e animais, em que estão baseadas as *Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida* de Virgílio. O *stilus humilis* trata de pastores e corresponde à faia [...]”

sociais das personagens que os compõem, e a hierarquia dos estilos espelha aquela da sociedade (KELLY (1978) 236-238).

Alhures o mesmo autor (KELLY (1974) 150) explica o novo conceito de estilo em termos menos brandos: “estilo material é aquela má compreensão (*misunderstanding*) dos *genera dicendi* clássicos que confundiu estilo com matéria; a versão mais simples dessa ‘teoria’ é a *rota Virgilii* de João de Garlândia”. Para esse teórico moderno, o chamado estilo material pertence à *inuentio* e não à *elocutio*. Da leitura feita por KELLY (1978) 236-238 (1974) 150, parece que podemos deduzir que uma obra teria estilo material elevado se, na sua *inuentio*, o autor tivesse selecionado matéria ligada ao *tópos* do *miles* da *Rota Virgilii*. Mas essa leitura mereceria um exame cuidadoso, sobretudo com base em algumas questões a que Kelly não responde, ao menos não claramente. Se o estilo pertence à *inuentio*, que relação ainda mantém com a *elocutio* e com a noção de *aptum* e, desse modo, por que sequer se chama *stilus*? A que cada estilo deve adequar-se, se já é ele mesmo a própria matéria?

Não parece sustentar-se a tese de que, na Alta Idade Média, em autores como João de Garlândia, estilo é conjunto de matéria, porque esse conceito de estilo é incoerente do ponto de vista histórico. Kelly diz que há confusão, mas isto é alegar que os medievais compreenderam neste quesito os antigos não ligeiramente, mas inteiramente mal. Não há resposta objetiva para as questões que formulamos acima, simplesmente porque não é adequado remover “*stilus*” e a nomenclatura dos *genera dicendi*, como “*humilis*”, “*mediocris*” e “*grauis*” da sua dimensão elocutória. Acreditamos que é possível ver a *Rota* como um esquema sobre elocução e os seus *stili* como “funções do *aptum*”, sem rejeitar o conceito de “estilo material”, mas compreendendo-o de outra maneira.

3. O *stilus* da *Rota* e as categorias sociais

Faça-se uma constatação prévia sobre a estrutura da *Rota*: em cada coluna sua, a linha mais exterior é o “nome” dessa coluna, um dos *stili*, e as linhas restantes são elementos que compõem o *stilus* da coluna, e não é o caso que cada coluna seja um conjunto de elementos dentre os quais um fosse o *stilus*, e os outros fossem outras coisas que não componentes do *stilus* e que de alguma maneira estivessem relacionadas com ele. Esta observação não é

trivial, uma vez que a interpretação de que, nesse esquema, certas matérias se adequam ao *stilus*, ou vice-versa, exigiria que, em cada coluna, o *stilus* fosse uma coisa, e as outras linhas contivessem elementos materiais que, adequando-se ao *stilus*, ou o *stilus* adequando-se a eles, não são o próprio *stilus*, nem o compõem. Uma tal interpretação não seria implausível olhando-se apenas para a figura, ainda que o elemento mais exterior da coluna pareça muito mais ser o seu nome do que um elemento dela entre outros, no entanto é necessário atentar também ao texto, que quanto a isso não deixa dúvidas: *in circuitu per multas circumferencias ordinantur tres stili* [“em um círculo se ordenam três estilos através de muitas circunferências”]. As linhas são componentes dos estilos, e portanto a *Rota* trata de estilos.

A discussão sobre o conteúdo desse esquema não é pacífica, de modo que convém citar passagens dos teóricos modernos sobre a *Rota* para maior precisão, que, no entanto, muitas vezes não excedem uma nota de rodapé. HANSEN (2008, p. 28), em nota, parece ter uma perspectiva diferente da de Kelly ao dizer que a *Rota* “elencas tópicas da invenção e palavras da elocução de três estilos [...]”. Sem dúvidas, esse é um ponto de vista mais moderado, mas aceita a presença na *Rota* daquilo que não está nela pelo menos como foco principal: as tópicas da invenção. Com efeito, os *stili* são compostos por “palavras da elocução”, mas não por aquilo que está no domínio da invenção e que, naturalmente, está mais ligado a *res* do que a *uerba*. Aceitar essa posição pressuporia que os vocábulos contidos nos círculos servissem a um duplo propósito e frequentassem duas áreas da retórica, o que não é impossível, mas parece ser um acúmulo de funções inverossímil. Em todo caso, mais simplesmente, cumpre voltar ao próprio texto de João de Garlândia: as colunas são *stili* e não outra coisa.

Aceitar que *res* e *uerba* estejam igualmente presentes na *Rota*, sem que a elocução seja subordinante em relação à invenção, poderia levar a uma compreensão de que a *Rota* é dividida não em *genera dicendi*, mas em gêneros de poesia: o *gravis* seria o gênero épico da *Eneida*, e assim por diante. A compreensão de WILSON-OKAMURA (2010) 91 faz mais jus ao texto da *Poetria*: “as colunas da Roda, como o próprio João as chama, são organizadas (*ordinantur*) de acordo com estilos — baixo, médio e grave — não de acordo com gêneros”. Além de tudo, para o mesmo autor (2010) 90, Virgílio não é

modelo para os gramáticos medievais por ter escrito em todos os gêneros, porque decerto não o fez, mas por ter sido excelente em todos os estilos, que são três classicamente. A *Rota*, que como círculo exprime uma certa imagem de universalidade e perfeição, só pode fazer uma correspondência entre alguma totalidade e a obra de Virgílio se essa totalidade for a dos estilos, e só assim a imagem da universalidade e perfeição de Virgílio pode ser oferecida como modelo.

Pela tradição retórica, um *genus dicendi* é uma certa maneira de usar a linguagem e também uma certa escolha de palavras. A nossa leitura, situada mais dentro do campo da elocução do que do da invenção, é a de que os elementos contidos nas *circumferencias* da *Rota* são vocábulos que compõem cada estilo em razão da maior ou menor elevação que essas palavras possuem. Os *stili* são compostos de vocábulos que possuem certo grau de elevação; quanto a isso, não há diferença com relação ao conceito clássico. Mas o *stilus* medieval, tal como apresentado por João de Garlândia, difere do clássico pela razão segundo a qual os vocábulos são mais ou menos elevados: *sunt tres stili secundum tres status hominum* [“são três os estilos segundo os três estados dos homens”]¹⁵. Assim, os vocábulos elevados são tais porque estão atrelados à

¹⁵ Reconhecemos acima que fazemos um salto histórico. Algumas passagens de Sêrvio, no entanto, chamam atenção para o conceito de estilo, pois os elementos materiais estão de alguma forma presentes nelas. No prólogo ao seu comentário às *Bucólicas*, o gramático descreve o estilo da obra: *qualitas autem haec est, scilicet humilis character. tres enim sunt characteres, humilis, medius, grandiloquus: quos omnes in hoc inuenimus poeta. nam in Aeneide grandiloquum habet, in georgicis medium, in bucolicis humilem pro qualitate negotiorum et personarum: nam personae hic rusticae sunt, simplicitate gaudentes, a quibus nihil altum debet requiri* (Comm. In Verg. Buc. Prooem. ed. THILO). [“A qualidade, porém, é esta, quer dizer, o estilo baixo. Com efeito, três são os estilos: baixo, médio, grandiloquo, todos os quais encontramos neste poeta. Pois na Eneida há o grandiloquo, nas Geórgicas há o médio, nas Bucólicas há o baixo, por causa da qualidade dos assuntos e das personagens: pois as personagens aqui são rústicas, gozando da simplicidade, das quais não se deve esperar nada elevado.”] O trecho que chama a atenção é *humilem pro qualitate negotiorum et personarum*: o que significa dizer que o estilo é baixo na medida em que (*pro*) a matéria é baixa? Não quer dizer que o estilo baixo seja idêntico à matéria baixa. Segundo cremos, a afirmação de Sêrvio quer dizer simplesmente: o estilo é baixo porque a matéria baixa o solicita, havendo a necessidade de *decorum*. A preposição *pro* poderia ser traduzida por “por causa de” ou mesmo “em nome de”, ou seja, estilo humilde como consequência de matéria humilde. O prólogo ao comentário à *Eneida*, porém, deixa-nos com mais dúvidas: *qualitas carminis patet; nam est metrum heroicum et actus*

categoria social *miles*; ou, mais precisamente, são elevados porque *significam* matérias pertencentes à categoria social do soldado. Isto não quer dizer que a matéria ou o significado acompanha o estilo, mas que certos vocábulos, por associação com certos conteúdos, compõem um estilo e não outro¹⁶. Isto também pode ser compreendido da seguinte passagem do texto, que não é frequentemente mencionada:

*In hoc stilo eligenda sunt nomina significancia instrumenta posita in superiori ordine; in mediocri, instrumenta posita in mediocri ordine; in humili, instrumenta posita in humili ordine*¹⁷ (Par. Poetr. 5.58-64 ed. LAWLER).

mixtus, ubi et poeta loquitur et alios inducit loquentes. est autem heroicum quod constat ex diuinis humanisque personis, continens uera cum fictis [...]. est autem stilus grandiloquus, qui constat alto sermone magnisque sententiis (Comm. In. Verg. Aen. 1 ed. THILO). [“A qualidade do poema é evidente; pois o metro é heroico, e a representação é mista, onde o poeta fala e introduz outros que falam. É, porém, heroico aquilo que é composto de personagens divinas e humanas e que contém verdades com ficções. É, porém, grandiloquo o estilo que é composto de fala elevada e de grandes pensamentos.”] Nos primeiros períodos, Sêrvio não necessariamente fala de estilo. Por comparação com o trecho do prólogo às *Bucólicas*, poderíamos entender talvez que *qualitas* aqui se refira a estilo, mas não parece haver descrição de elementos estilísticos nesses primeiros períodos para além de *metrum heroicum*, se assim o considerarmos. Em todo caso, o mais importante é atentar para a última frase citada: *stilus grandiloquus, qui constat alto sermone magnisque sententiis*. O sentido literal desta passagem é o de que o estilo é composto ao mesmo tempo de *uerba* (ou *sermo*) e *res* (ou *sententia*), mas, novamente, não podemos ignorar que esse conceito de estilo é incoerente em relação à teoria clássica. Resta-nos considerar que a passagem ou constitua uma imprecisão de Sêrvio ou deva ser lida com menos rigor, já que de fato a conceituação de estilo não é o foco do prólogo do comentário de Sêrvio. Com leitura menos rigorosa, significaria algo como: o estilo grandiloquo é dependente (um dos sentidos de *consto* com ablativo) de discurso elevado e grandes pensamentos ou está ligado a eles.

¹⁶ Godofredo de Vinsauf (sécs. XII-XIII d. C.), autor que precede João de Garlandia e que, como ele, é importante para os estudos de retórica medieval: *Sunt igitur tres styli, humilis, mediocris, grandiloquus. Et tales recipiunt appellationes styli ratione personarum uel rerum de quibus fit tractatus [...]* (Documentum de modo et arte dictandi et versificandi 145 ed. FARAL). [“São três, portanto, os estilos: baixo, médio, elevado. E os estilos recebem tais nomes em razão das personagens e das coisas das quais se trata.”] Seria possível a leitura: os estilos não são compostos pelas personagens e coisas das quais se trata, mas são tal como são por causa das personagens e coisas das quais se trata.

¹⁷ “Neste [grauis] estilo, devem ser escolhidos nomes que significam os objetos situados na coluna superior; no médio, objetos situados na coluna do meio; no baixo, objetos situados na coluna de baixo.”

O elemento do *decorum* é patente na *Rota*, pois, quando João afirma que *pastorali uite conuenit stilus humilis* [“à vida pastoral, convém o estilo baixo”], é plausível entender que os *stili* são adequados a certas matérias, sendo que são formados por vocábulos que têm tom mais ou menos elevado por causa do significado que possuem, atrelado a uma ou outra categoria social. Note-se que João diz *rerum ad stilum pertinencium* [“das coisas apropriadas ao estilo”]: talvez essa inversão da ordem da adequação seja uma impropriedade no texto de João, pela incoerência com o restante do seu argumento e com o conceito de estilo, mas, de toda maneira, o trecho ilustra o fato de aquelas *res* que os vocábulos designam são justamente aquelas com as quais esses vocábulos mantêm uma relação de *decorum*¹⁸. Novamente, não se trata de dizer que a palavra adequa-se ao significado, o que é sem sentido, mas que a palavra, dizendo respeito a uma categoria social, possui um certo grau de elevação, em sentido ornamental e elocutório, que é adequado àquelas coisas que designa. Devemos concordar com esta afirmação de BOYDE (1979) 121 quanto à *Rota*:

Trata-se [...] de um caso extremamente instrutivo, já que demonstra até que ponto o pensamento medieval sobre os estilos era dominado pelo princípio hierárquico implícito no sistema dos três estilos e com quanta ousadia um pensador medieval saberia levar um conceito antigo a consequências que a nós parecem absurdas. É necessário estarmos atentos a distinguir a posição de João de Garlândia daquela de uma certa pedagogia moderna: ele não diz que em poesia devemos escrever “di” enquanto em prosa

¹⁸ WILSON-OKAMURA (2010) 91 se contrapõe aos muitos acadêmicos que enxergaram na *Rota* uma progressão evolutiva de gêneros: “o propósito da *Roda*, como explicado no texto, não é ditar qual gênero deva ser experimentado primeiro, mas ensinar *decorum*: por exemplo, poemas no estilo médio não deveriam conter espadas ou pastores, porque aquelas pertencem ao estilo elevado, e estas ao baixo.” Aqui parece haver uma inversão na ordem do *decorum*, que aliás está presente no próprio texto de João, que o teórico moderno parafraseia: *et si proferatur aliqua sententia in uno stilo, que reperitur in proximo, patet quod est egressus a stilo illo* [“e, se se proferir em um estilo um pensamento que se encontra no próximo, fica claro que se se perdeu daquele estilo.”] Mas talvez seja intransigência questionar com insistência demasiada o uso da terminologia acerca da “ordem” do *decorum*, que possivelmente não foi descrita por João de modo rigoroso. Ainda, na frase seguinte, diz João que *ideo eligenda sunt uerba inuenta ad quemlibet stilum in suo stilo* [“de fato, devem ser escolhidas para qualquer estilo que seja as palavras inventadas para o seu próprio estilo”], a partir do que fica clara não só a necessidade de adequação dos *uerba* à matéria de cada poema de Virgílio, mas também de usar corretamente, e talvez consistentemente, os estilos, usando as palavras que lhe pertencem, de acordo com a composição dos *stili* na *Rota*.

usamos “giorno”, ou que “monarca” e “sovrano” sejam sinônimos mais nobres do que “re”. Ele quer dizer que “re” é palavra mais elevada do que “cavaliere”, e “cavaliere”, do que “pastore”.

Em nota, Boyde explica esse “princípio hierárquico implícito”:

Dada a premissa, o argumento implícito, na verdade, não é absurdo, a saber, o de que, se o significado do signum é a res, então deve ser a dignidade da res a determinar a dignidade do signum (BOYDE (1979) 121).

Acresça-se, de acordo com texto de João, que um vocábulo não é mais ou menos elevado *somente* pelo seu significado, que diz respeito a uma certa categoria social, mas também por outros aspectos ornamentais e elocutórios, como arcaísmo, metáforas, figuras, enfim, pelos elementos ornamentais previstos pela retórica clássica.

Potest grauis materia humiliari exemplo Virgilii, qui uocat Cesarem Titirum – uel se ipsum, Romam fagum; potest et humilis materia exaltari, ut in graui materia coli mulieres uocantur “inbelles haste”¹⁹ (Par. Poetr. 5.51-54 ed. LAWLER).

João mostra que não é intrínseca a relação de elevação entre o significado de uma palavra e esta palavra, porque é possível falar de matéria elevada com palavras que pertencem ao estilo baixo, e vice-versa, considerando que *humiliari* e *exaltari* são processos que dizem respeito ao uso de um estilo oposto ao nível de elevação da matéria e com isso causam um efeito de rebaixamento ou elevação. Falar de soldados, por exemplo, não garante que o *stilus* seja *grauis*. Portanto, os *stili* da *Rota* são divididos conforme vocábulos mais ou menos elevados em razão do seu campo semântico ligado a certa categoria social e de outros aspectos ornamentais. Além disso, a mesma explicação bipartida pode ser encontrada quando João descreve os vícios dos estilos:

*Grauis stilus habet duo uicia collateralia, scilicet turgidum et inflatum: turgidum ex parte uerborum, inflatum ex parte sententiarum*²⁰ (Par. Poetr. 5.61-63 ed. LAWLER).

¹⁹ “A matéria grave pode rebaixar-se, a exemplo de Virgílio, que chama César — ou a ele mesmo — de Títilo, e Roma de fãia; e a matéria baixa pode elevar-se, tal como, em se tratando de matéria elevada, as rocas das mulheres são chamadas de ‘lanças imbeles’.”

²⁰ “O estilo elevado possui dois vícios colaterais, a saber, o inchado e o inflado: de um lado, o inchado diz respeito às palavras; de outro, o inflado diz respeito aos pensamentos.” Godofredo de Vinsauf apresenta os vícios dos estilos em termos semelhantes, nos quais se pode perceber que não deixam de estar inseridos na dimensão da elocução e são, de fato, “funções de *aptum*” em relação à matéria. Quanto ao vício do estilo médio, diz: *Dissolutus et fluitans est*

Assim, à luz dessas considerações, parece-nos justo dizer que os *stili* estão no domínio da elocução, e a complexidade entre *res* e *uerba* parece-nos resolver-se pelas razões apresentadas. Quanto à abrangência da *Rota*, é evidente que os estilos não são compostos apenas por aqueles vocábulos contidos na imagem, os quais são apenas exemplos. Como esquema, a *Rota* dá conta dos três estilos de modo indutivo, isto é, oferece alguns particulares de cada estilo, mas abrange a universalidade deles, que consiste em todos os empregos da linguagem possíveis cuja elevação depende de determinada categoria social ligada ao significado de certas palavras e também depende de outros aspectos ornamentais que possuem um entre três graus de elevação. Dessa maneira, por exemplo, todo emprego da linguagem que possuir a mesma elevação que possui a palavra *miles* será um caso de *stilus grauis*. Daí serem questionáveis afirmações como a de KELLY (1978) 237, “a inaplicabilidade do esquema aos poemas de Virgílio é patente e reveladora”, pois têm como pressuposto que o esquema é redutível aos seus exemplos particulares, de modo que seria um erro aplicar *Hector* e *Ajax* à *Eneida*. Ambos estes, porém, têm a elevação elocutória adequada ao poema e a mesma que possuiria o vocábulo *Aeneas*. Como os *stili* estão no domínio da elocução, vocábulos como *Hector*, *Ajax* e *Aeneas* são praticamente intercambiáveis. Além disso, essa afirmação é questionável porque assumiria que *Hector* e *Ajax* são matérias, enquanto, na *Rota*, ali são vocábulos enquanto elementos de estilo, não de significado. Como a *Rota* poderia tratar de matéria e ao mesmo tempo referir-se aos poemas de Virgílio? Se fosse assim, a escolha de *Hector* e *Ajax* seria perfeitamente inexplicável.

4. Considerações finais: a hierarquia na *Rota*

Podemos terminar esta apreciação crítica com uma palavra breve sobre o tema da hierarquia na *Rota*. É cabível afirmar que João de Garlandia concebe os estilos de Virgílio de uma maneira hierárquica, em que o mais elevado

ille qui nescit tenorem mediocris styli observare, id est qui nescit observare proprietates mediocrium personarum vel rerum, sed ita loquitur quandoque de mediocribus sicut loquendum esset de humilibus [...] personis (Doc., 149 ed. FARAL). [“Solto e inconstante é aquele que não sabe respeitar o tom do estilo médio, isto é, que não sabe respeitar as propriedades das personagens ou coisas médias, mas em algum momento fala de personagens médias tal como se fosse necessário falar de baixas.”]

pertence ao domínio mais elevado da sociedade e lhe é adequado. Isto é expresso no texto: *sunt tres stili secundum tres status hominum*. Alhures João fala outra vez das homologias entre categorias sociais e ficção: *Tria genera personarum hic debent considerari secundum tria genera hominum, que sunt curiales, ciuiles, rurales*. [...] *Secundum ista tria genera hominum inuenit Virgilius stilum triplicem*²¹ (Par. *Poetr.* 1.124-131 ed. LAWLER). Por outro lado, a hierarquia dos estilos na *Rota* não é materialmente indicada por seu caráter circular tal como é apresentado na *Poetria*. Os diferentes *stili* não estão dispostos um dentro do outro, como se o mais exterior fosse o superior, e o mais interior fosse o inferior; ocupam, na verdade, posições igualitárias e estão lado a lado. Como aponta WILSON-OKAMURA (2010) 90, muitos teóricos incorreram no erro de associar a circularidade da própria *Rota* à ideia de uma hierarquia e mesmo de uma recomendação por parte de João de que se comece no estilo baixo e se avance ao estilo alto — isto é um erro simplesmente porque um círculo, por definição, não tem começo nem fim. FOWLER (1982) 241 diz que, “considerada como um mapa, a *rota* ela mesma deve ser condenada como enganosa e confusa. Ela sugere uma bastante falsa contiguidade entre heroico e pastoril”. Na nossa opinião, a *Rota* deve ser lida à luz da tradição gramatical de que é fruto, e, até onde sabemos, nenhum autor dessa tradição fala de uma tal contiguidade; além disso, os estilos estão ali dispostos de modo igualitário, sem que seja indicada uma direção necessária para o “rodar” da *Rota*, a qual não existe. Por “hierarquia”, por conseguinte, deve-se entender a organização dos estilos e das obras de Virgílio na escala social, e isto não significa mais do que a necessidade do *decorum*: o estilo elevado assim o é porque está ligado à categoria social mais alta e é apropriado a ela e aos assuntos que a ela pertencem, e assim por diante.

Portanto, a nossa proposta é a de que o conceito de “estilo material”, costumeiramente usado para descrever o princípio de organização da *Rota*, deve ser mantido, porque certamente é diverso do “estilo elocutório” clássico, mas deve ser relido de modo mais moderado. Com isso, dizemos que “estilo material” não é aquele estilo composto de tópicos da invenção ou

²¹ “Devem ser considerados três gêneros de personagens segundo três gêneros de homens, que são curiais, cidadãos, camponeses. [...] Segundo estes três gêneros de homens, Virgílio criou um estilo tríplice.”

elementos materiais, pois isto é inconcebível do ponto de vista da retórica, mas aquele estilo que está dentro da dimensão da elocução e que, por conseguinte, é composto por vocábulos, figuras, metáforas e, enfim, é uma certa maneira de usar a linguagem; mas, à diferença do conceito clássico, essa maneira de usar a linguagem é definida diretamente pela categoria social à qual está associada e é apropriada.

Referências

- BAUER, B. (2007), “Aptum, Decorum”: K. WEIMER (coord.) (2007), *Reallexikon der deutschen Literaturwissenschaft*. Berlin-New York, De Gruyter, Vol. 1. 115-119.
- BOYDE, P. (1979), *Retorica e stile nella lirica di Dante*. Napoli, Liguori.
- CURTIUS, E. R. (1948), *Europäische Literatur und Lateinisches Mittelalter*. Bern, A. Francke AG Verlag.
- FARAL, E. (1962), *Les arts poétiques du XIIe et du XIIIe siècle*. Paris, Librairie Honoré Champion.
- FOWLER, A. (1982), *Kinds of Literature: An Introduction to the Theory of Genres and Modes*. Oxford, Oxford University Press.
- NÚÑEZ, S. (1997), *Retórica a Herenio* [notas]. Madrid, Gredos.
- GÖTTERT, K. (2007), “Genera dicendi”: K. WEIMER (coord.) (2007), *Reallexikon der deutschen Literaturwissenschaft*. Berlin-New York, De Gruyter, Vol. 1. 694-697.
- HANSEN, J. A. (2013), “Instituição retórica, técnica retórica, discurso”: *Matraga*, 20, 33 (2013) 11-46.
- HANSEN, J. A. (2008), “Notas sobre o gênero épico”: I. TEIXEIRA (coord.) (2008) *Multiclássicos Épicos*. São Paulo, EDUSP, 17-91.
- LAWLER, T. (1974), *The Parisiana Poetria of John of Garland* [notas]. New Haven-London, Yale University Press.
- KELLY, D. (1974), “Matiere and genera dicendi in Medieval Romance”: *Yale French Studies*, 51 (1974) 147-159.
- KELLY, D. (1978), “Topical Invention in Medieval French Literature”: J. J. MURPHY (coord.) (1978), *Medieval Eloquence*. Berkeley-Los Angeles-London, University of California Press, 231-251.
- LAUSBERG, H. (1990), *Handbuch der literarischen Rhetorik*. Stuttgart, Steiner.
- OXFORD LATIN DICTIONARY (1968). Oxford, Oxford University Press.
- RUSSELL, D. A. (1981), *Criticism in Antiquity*. Berkeley-Los Angeles, University of California Press.

- STABILE (1984), “*Rota Vergilii*”: ENCICLOPEDIA VIRGILIANA (1984). Roma, Istituto della Enciclopedia Italiana, Vol. 4., 587-587.
- WILSON-OKAMURA, D. S. (2010), *Virgil in the Renaissance*. Cambridge, Cambridge University Press.
- ZYMNER, R. (2010), “Rhetorische Gattungstheorie”: R. ZYMNER (coord.) (2010), *Handbuch Gattungstheorie*. Stuttgart, J. B. Metzler, 188-190.

.....

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer uma apreciação crítica da *Rota Vergilii* e oferecer uma interpretação dela. Para isto, revisamos alguns comentários modernos sobre ela e analisamos partes do texto no qual a *Rota Vergilii* é apresentada, a saber, a *Parisiana Poetria* de João de Garlândia. A nossa conclusão foi a de que os *stili* da *Rota Vergilii* não são conjuntos de assuntos e matérias, como pretenderam alguns teóricos modernos, mas pertencem ao domínio da elocução, com o que esse conceito medieval de “estilo” se alinha parcialmente com a teoria clássica dos *genera dicendi*.

Palavras-chave: *Rota Vergilii*; *genera dicendi*; *stili*; estilo material.

Resumen: El objetivo de este artículo es hacer una valoración crítica de la *Rota Vergilii* y ofrecer una interpretación de esta. Para ello, revisamos algunos comentarios modernos sobre ella y analizamos partes del texto en las que se presenta la *Rota Vergilii*, a saber, la *Parisina Poetria* de Juan de Garlandia. Nuestra conclusión es que los *stili* de la *Rota Vergilii* no son conjuntos de asuntos y materias, como han afirmado algunos teóricos modernos, sino que pertenecen al dominio de la elocución, haciendo que este concepto medieval de “estilo” se alinee parcialmente con la teoría clásica de los *genera dicendi*.

Palabras clave: *Rota Vergilii*; *genera dicendi*; *stili*; estilo material.

Résumé : L’objectif de cet article est de faire une appréciation critique de la *Rota Vergilii* et d’en proposer une interprétation. Nous revenons ainsi sur quelques commentaires modernes à son sujet et nous analysons des parties du texte dans lesquels la *Rota Vergilii* est présentée, à savoir, la *Parisiana Poetria* de Jean de Garlande. Nous avons conclu que les *stili* de la *Rota Vergilii* ne constituent pas des ensembles de sujets ou de questions, comme l’ont prétendu quelques théoriciens modernes, ils appartiennent plutôt au domaine de l’élocution, dans lequel le concept médiéval de style va partiellement de pair avec la théorie classique des *genera dicendi*.

Mots-clés : *Rota Vergilii* ; *genera dicendi* ; *stili* ; style matériel.